

nara roesler

laura vinci



laura vinci

n. 1962, São Paulo, Brasil, onde vive e trabalha

Laura Vinci é conhecida por sua produção em esculturas, instalações de grande porte e intervenções. Sua pesquisa está baseada nas relações entre corpo e espaço, tendo como tônica a efemeridade. Em sua prática, o espaço desponta como um organismo complexo, mediador das relações entre os diversos corpos que o compõem e habitam, sem deixar de ser suscetível à constante passagem do tempo. Suas propostas buscam, justamente, investigar os processos de movimento ou alteração da matéria, evidenciando a transitoriedade dos elementos que ocupam determinado local, assim como estimular o público a ter novas percepções sobre o ambiente ao seu redor.

Vinci iniciou sua carreira em meados da década de 1980 dedicando-se, primeiro, à pintura. Nesse momento, suas telas não se voltavam à figuração, mas tentavam realizar o quase tridimensional. Em seguida, passou a se concentrar na escultura. O interesse pelas mudanças de estado da matéria aparece em sua poética tanto pela noção de erosão – como na intervenção conhecida como “ampulheta”, desenvolvida para o projeto Arte/Cidade 3 (1997), em São Paulo – quanto através da ideia de condensação, que se realiza no seu trabalho com serpentinas de refrigeração que formam palavras congeladas. Essas características também se fazem presente em seu trabalho como diretora de arte no teatro. Vinci já colaborou com projetos de cenografia e figurino no Teatro Oficina. Atualmente, trabalha com a mundana companhia.

[clique aqui para ver cv completo](#)

exposições individuais selecionadas

- *Fluxos*, Museu Brasileiro de Escultura e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil (2025)
- *maquinamata*, Nara Roesler, Rio de Janeiro, Brasil (2022)
- *mundana +: Medeamaterial, mundana cia*, Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil (2019)
- *Todas as graças*, Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil (2018)
- *Papéis avulsos*, Art Center/South Florida, Miami, EUA (2014)
- *Carpe Diem Arte e Pesquisa*, Lisboa, Portugal (2010)
- *Warm White*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2007)

exposições coletivas selecionadas

- *El Dorado: Myths of Gold*, Americas Society, Nova York, EUA (2023)
- *Máquina do mundo: Arte e indústria no Brasil, 1901-2021*, Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil (2021)
- *O rio dos navegantes*, Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil (2019)
- *Past/Future/Present: Contemporary Brazilian Art from the Museum of Modern Art*, São Paulo, Phoenix Art Museum, Phoenix, EUA (2017)
- *Exposición 13, La Conservera*, Murcia, Espanha (2014)
- *Beuys e bem além, ensinar como arte*, Instituto Tomie Ohtake (ITO), São Paulo, Brasil (2011)
- 26ª Bienal de São Paulo, Brasil (2004)

coleções selecionadas

- Instituto de Arte Contemporânea de Inhotim, Brumadinho, Brasil
- Museu de Arte do Rio (MAR), Rio de Janeiro, Brasil
- Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP), São Paulo, Brasil
- Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo, Brasil

4	maquinamata
11	folhas avulsas e galho
21	sem título
23	todas as graças
26	morro mundo
29	papéis avulsos
35	batéia
39	no ar
45	máquina do mundo
48	estados
52	sem título
54	cenografia

maquinamata 2022

Para essa exposição, ocorrida na Nara Roesler Rio de Janeiro, a artista concebeu um singular conjunto de esculturas cinéticas, criado especialmente para a mostra, explora relações sutilmente inusitadas entre o universo mecânico e o natural.

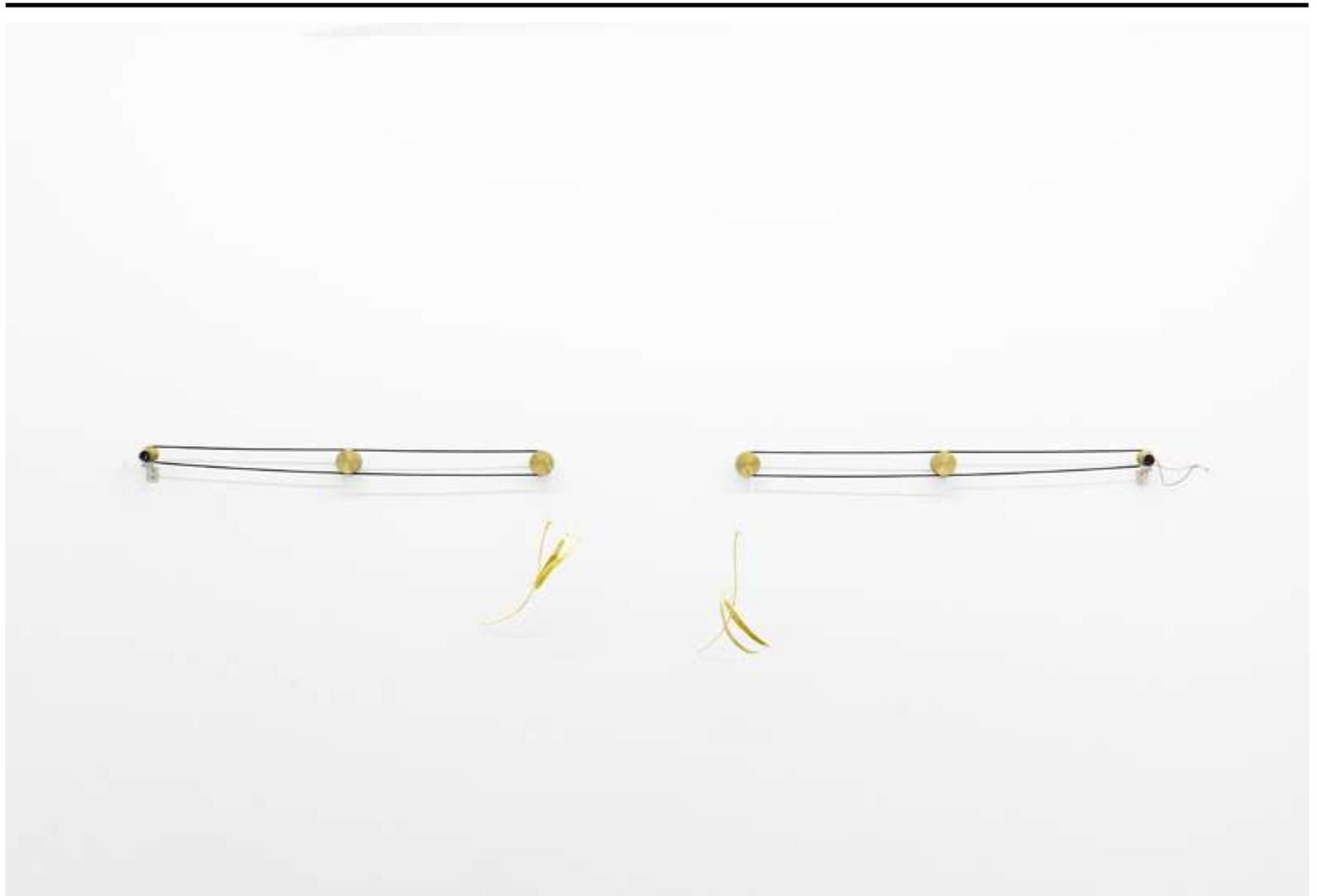


Bamba, 2022
latão banhado a ouro e motor
edição de 5 + 2 PA
110 x 8 x 90 cm



O título da exposição possui significados múltiplos, pois tanto fala da força destruidora da máquina, levando-nos a pensar nos efeitos da industrialização desenfreada no mundo, como propõe pensarmos a mata como uma espécie de máquina, tendo em vista a delicada engenharia interna que envolve os mecanismos desenvolvidos para sua sobrevivência e sua extraordinária capacidade expansiva e multiplicadora. Maquinamata define bem, ao mesmo tempo, o caráter dúbio e instigante dos trabalhos apresentados por Vinci, que aliam pequenos motores com estruturas de folhas e galhos naturais feitos em latão. Acionando fragmentos evocativos da natureza – uma folha que rodopia no ar, galhos sacudidos como se fosse pelo vento, inesperados sopros de pólen – , tais dispositivos despertam uma aura que ressoa poeticamente em nossa memória afetiva, mostrando-se ao mesmo tempo, de maneira perturbadora e quase sinistra, fantasmáticos e robóticos.

Twins, da série
Maquinamata, 2022
6 roldanas de latão,
correia de borracha,
motor e latão banhado a ouro
edição de 5 + 2 PA
aprox. 25 x 172 x 12 cm



*Twins galho, da série
Maquinamata, 2022*
6 roldanas de latão, correia
de borracha, motor
e latão banhado a ouro
edição de 5 + 2 PA
dimensões variáveis



Fonte, da série
Maquinamata, 2022
mármore, vidro, motor,
pó holi amarelo, latão banhado
a ouro e latão banhado a prata
unique
aprox. 240 x 483 x 43 cm



*Rouge, da série
Maquinamata, 2022
seda, ferro banhado
a ouro e motor
edição de 5 + 2 PA
aprox. 80 x 13 x 134 cm*



*Sinistro, da série
Maquinamata, 2022*
roldanas de latão, correia
de borracha, motor e seda
edição de 5 + 2 PA
aprox. 53 x 287 x 23 cm



*Ramo, da série
Maquinamata, 2022*
flores secas, motor
e latão banhado a prata
edição de 5 + 2 PA
aprox. 180 x 188 x 50 cm

folhas avulsas e galho 2019

exposição individual

museu de arte moderna de são paulo
(MAM-SP), são paulo, brasil

As folhas foram instaladas em 2019 na Sala de Vidro do Museu de Arte Moderna de São Paulo, localizada na frente do museu. Segundo o curador Felipe Chaimovich: “Essas obras de Laura Vinci, em esculturas em metal, mostram o ciclo das folhas caindo de árvores. Sua pelagem cintilante reflete as luzes que mudam, [...] e, assim, as folhas parecem sobreviver ao desapego do galho e têm seu processo de decomposição predito pela queda, suspenso no tempo. O uso do revestimento de ouro transforma esse momento efêmero da vegetação em uma relíquia, como se estivesse criando uma lembrança preciosa para as gerações futuras que enfrentarão os enormes desafios que surgem pela transformação da natureza.”

vista da instalação

Folhas avulsas e galho, 2019
Museu de Arte Moderna (MAM-SP)
São Paulo, Brasil, 2019

→

vista da instalação
Folhas avulsas e galho, 2019
Museu de Arte Moderna (MAM-SP)
São Paulo, Brasil, 2019















→
vistas da instalação
El Dorado: Myths of Gold, Part I
Americas Society
Nova York, EUA, 2023



Small informational text block located below the right window.







sem título 2019

exposição coletiva

a terceira margem, 3ª bienal de arte
contemporânea de coimbra

Sem título (2001-19) se desenvolve a partir do interesse de Laura Vinci pelo conceito de tempo e, em especial, pelo seu envolvimento com a forma da ampulheta. O trabalho consiste em uma estrutura piramidal de metal presa à cúpula do cofre subterrâneo de um convento, da qual um fino fio de areia cai constantemente no chão. A peça reconstitui a ampulheta, com os grãos passando e progressivamente se acumulando no chão. Nesta peça, a areia que cai alude à passagem de milhões de anos durante os quais as bactérias corroem as pedras, ao se inserir em fissuras microscópicas, destruindo estruturas naturais. Ao evocar a ampulheta, Vinci também põe em cena o esforço compulsivo da humanidade em domesticar a natureza intangível e incontrolável do tempo.

vista da instalação

Sem título, 2019

3ª Bienal de Arte Contemporânea
de Coimbra, 2019
Coimbra, Portugal

→

vista da instalação

Sem título, 2019

3ª Bienal de Arte Contemporânea
de Coimbra, 2019
Coimbra, Portugal



todas as graças 2018

installation

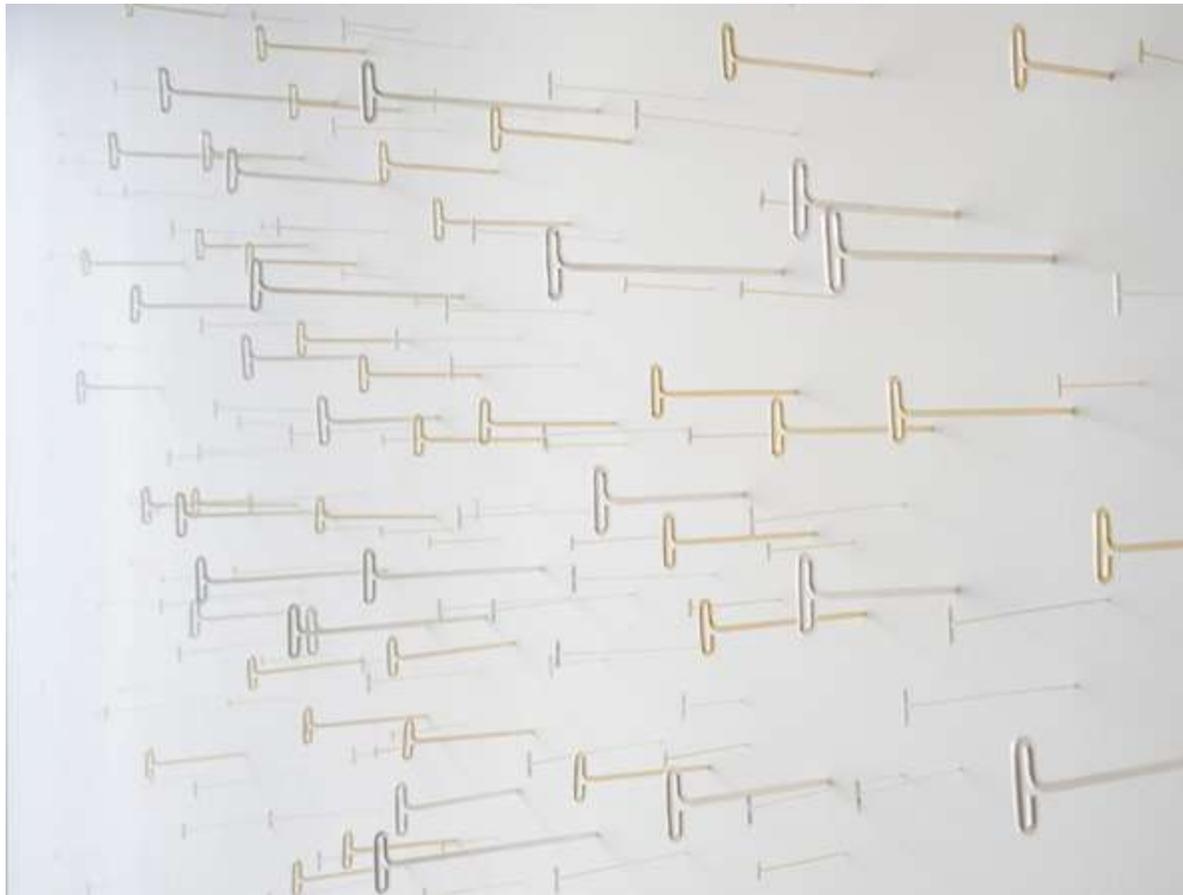
instituto ling, porto alegre, brazil

Todas as Graças assume uma posição particular na produção de Laura Vinci. Embora ainda envolvido com a ideia de tempo, o trabalho aborda o tema de forma original ao concentrar-se nas referências formais de uma única peça. A configuração fluida e voluptuosa dos trabalhos sugere o corpo feminino e evoca a representação das *Três Graças* – que inspiram o título da série – na mitologia grega. Tendo sido amplamente reproduzida, em estilos tão diversos quanto os de Rafael, Rubens, Canovas e Maillol tornou-se, acima de tudo, o símbolo de uma imagem que atravessou gerações. A instalação transmite essa trajetória na história da arte, incluindo dezenas de figuras, em diferentes tamanhos e feitas em diversos metais, no lugar do trio convencional. As superfícies espelhadas das esculturas criam uma coreografia a partir das reflexões geradas à medida que o espectador passa, o que ativa o ambiente ao redor e insere o público nessa tradição histórica. “Toda essa história está contida em minhas graças”, diz a artista que enxerga nas peças as condensações do tempo.²



²Aita, Virginia H. A., *Todas as Graças*, Instituto Ling, 2018. pp.7.





←
vista da instalação
Todas as graças, 2018
Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil
Foto © Fábio Del Re

vista da instalação
Todas as graças, 2018
Instituto Ling, Porto Alegre, Brasil
Foto © Fábio Del Re



vista da instalação
Morro mundo, 2017
Galeria Nara Roesler,
Rio de Janeiro, Brasil
Foto © Pat Kilgore

morro mundo 2016–2017

instalação

cubo branco, museu do louvre pau brazil,
edifício louvre, são paulo, brasil
galeria nara roesler, rio de janeiro, brasil

Morro mundo é uma estrutura tubular de vidro que libera fumaça ao ser acionada por sensores de movimento – à medida que a platéia passa, os sensores são desligados, causando a liberação de vapor. Desse modo, a instalação permite que o espectador acompanhe a trajetória do vapor dentro dos tubos, antes de alcançarem o fim e se fundirem ao ar. À medida que a fumaça é descarregada da máquina, ela progressivamente ocupa o espaço, invadindo o ambiente de forma a tornar sua estrutura quase indiscernível o que faz com que o público se perca no espaço.

Carlito Azevedo, curador da exposição *Morro mundo* na Galeria Nara Roesler, em 2017, escreveu: “no princípio, concretamente, é a tubulação de vidro, esse inimigo do mistério, que já exhibe a fumaça, ainda contida, quase amarrada, como um bicho, prestes a saltar, até ser finalmente liberada pelo acionamento dos sensores de presença e ir enrodilhar seu corpo por cada canto de espaço, engolindo-o e nos engolindo. [...] Tudo é fumaça, mas, parafraseando D. H. Lawrence, qualquer bússola, qualquer balança, somos nós tocando o inaudível sinete de nossa presença no caos.”





papéis avulsos 2014

instalação

art center/south florida, miami, usa | made
by... feito por brasileiros, hospital matarazzo,
são paulo, brasil

Papéis avulsos é uma instalação composta por dezenas de folhas brancas de papel japonês suspensas no teto com fios e roldanas que as puxam e liberam seus movimentos, criando pulsações contínuas. Laura Vinci concebeu essa instalação pela primeira vez enquanto trabalhava como cenógrafa para uma peça com texto de Anton Chekhov. Inspirada por uma cena em que o vento sopra através de uma janela aberta, fazendo com que papéis voassem erráticamente pela sala, a artista decidiu abordar a idéia de caos e arbitrariedade presentes na cena. Com isso em mente, Vinci pendurou os papéis no teto de modo aparentemente aleatório, evocando a sensação de desordem inerente aos itens que caem livremente devido a agitação do ar. A artista entende o caos como um estado positivo que nos permite sentir as forças e energias que constantemente se move, e nos influenciam com aquilo que ela descreve como “um sentimento de iminência, uma presença iminente de eventos que nos aguardam: um elemento combustível sempre presente.”¹

¹Cerejido, Elizabeth, *Transformative materials reconfigure space and perception*, Vitruvius, 2014.



vista da instalação
Papéis avulsos, 2014
Hospital Matarazzo,
São Paulo, Brasil

→
vista da instalação
Papéis avulsos, 2014
Hospital Matarazzo,
São Paulo, Brasil





Vinci mais uma vez oferece em sua produção uma alternativa para sua investigação sobre os meandros da transitoriedade, ao criar uma instalação que se estabelece no espaço limite entre a levitação e o colapso.



vista da instalação
Papéis avulsos, 2014
Hospital Matarazzo,
São Paulo, Brasil

→ →
vista da instalação
Papéis avulsos, 2014
Art Center South Florida, Miami, EUA







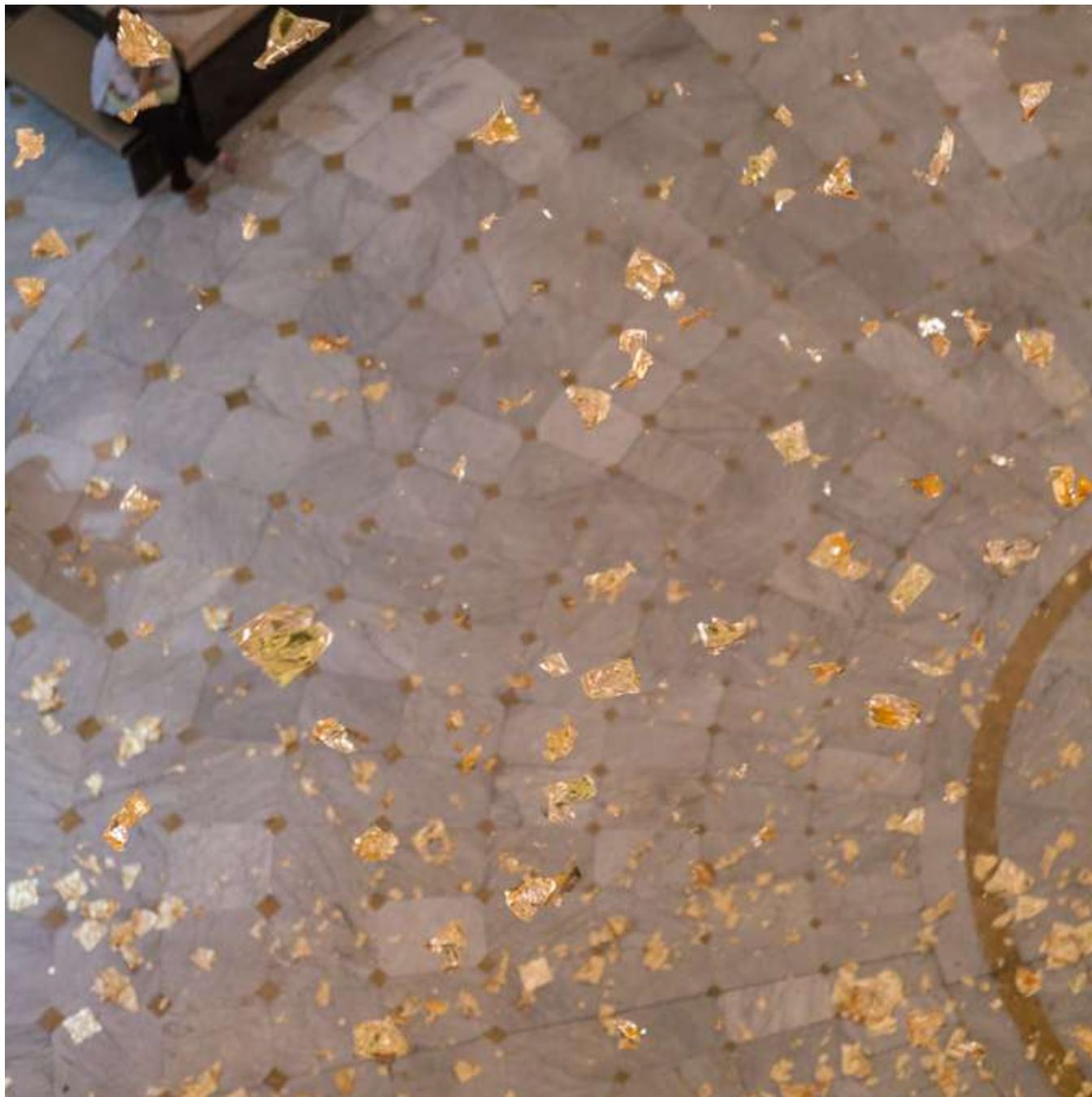
batéia 2014

instalação

art center/south florida, miami, usa | made
by... feito por brasileiros, hospital matarazzo,
são paulo, brasil

Bateia surge como possível desdobramento de *Papéis avulsos*. Laura Vinci criou um trabalho em que dispôs uma enorme quantidade de folhas de ouro que caíam do alto da cúpula do Centro Cultural Banco do Brasil, no Rio de Janeiro, passando por todo o vão central até alcançarem os visitantes. A ideia evoluiu para a representação de folhas naturais, que a artista esculpe em finas superfícies de ouro e prende na parede com alfinetes em diversos agrupamentos, evocando um processo taxidérmico e o posicionamento da humanidade em relação à natureza, questionando e criticando, o distanciamento das sociedades moderna e contemporânea tomam dela. Nas próprias palavras da artista, “esse tema de refletir mais sobre nossa relação com a natureza é um assunto que faz parte do meu trabalho como um todo. Essas folhas para mim são como relíquias de um futuro porvir. Elas têm algum tipo de qualidade cirúrgica, com seu pequeno orifício, através do qual se atravessa um alfinete fino que prende a folha à parede. Sou fortemente afetada pelo sentimento de que, como uma sociedade moderna e contemporânea, nos separamos da natureza.”





← ←

vista da instalação

Batéia, 2014

Centro Cultural Banco do Brasil,

Rio de Janeiro, Brasil

vista da instalação

Batéia, 2014

Centro Cultural Banco do Brasil,

Rio de Janeiro, Brasil



no ar 2009–2019

instalação

No ar é uma instalação baseada no uso de aspersores de água fria altamente pressurizados. Nas várias montagens deste trabalho, Laura Vinci permeou espaços ao ar livre - com alto tráfego de pedestres - com o vapor liberado por essa pressão, que assume um estado físico entre o líquido e gasoso. O trabalho surgiu como resultado do interesse da artista pelo teatro e, mais especificamente, na técnica de preparação do corpo chamada “Body Mind”. O método baseia-se na teoria de que nossa pele é porosa e, portanto, nosso corpo está em contato constante com o exterior. Com *No ar*, Vinci criou uma peça que pode penetrar fisicamente em nossos próprios corpos, fundindo-se com o espectador ao alterar seus estados internos e externos, destacando, assim, a natureza de nossa existência sempre em transformação.

vista da instalação

No ar, 2017

Museu Brasileiro de Escultura
e Ecologia (MuBE), São Paulo, Brasil











vista da instalação
No ar, 2010
Carpe Diem Arte e Pesquisa,
Lisboa, Portugal
Foto © Mauro Restiffe





máquina do mundo 2004–2010
instalação

Máquina do mundo foi inspirada pelo poema, de mesmo título, escrito por Carlos Drummond de Andrade. Laura Vinci descreve seu trabalho como uma máquina que transporta todos os grãos de mármore em silêncio solene, quase unidade por unidade, como se carregasse a história da escultura de lugar nenhum, para lugar nenhum. Talvez o aspecto mais comovente dessa instalação seja o tempo, pois a artista cria uma espécie de ampulheta mecânica destinada a conversar com a natureza transitória da vida humana. A ideia também toma forma através do uso do mármore, considerado, nas culturas ocidentais e orientais, um dos materiais mais duráveis. Segundo Vinci, nele “o homem imprime uma permanência e encontra uma possibilidade de permanência”, aludindo tanto a efemeridade da vida humana quanto nosso constante esforço para deixar para trás uma marca permanente ou traço de uma existência passada.

Por ocasião da 5ª Bienal do Mercosul, a artista instalou a obra no rio Guaíba em Porto Alegre. Nesse momento, Vinci usou a areia do próprio rio para o trabalho, resumindo a visão de Drummond sobre o eterno retorno – de fato, nessa configuração, a areia emergia do rio, atravessava a Máquina do mundo e finalmente retornava à sua origem.

vista da instalação
Máquina do mundo, 2005
5ª Bienal do Mercosul,
Porto Alegre, Brasil
Foto © Fabio Del Re e Carlos Steinf

→
vista da instalação
Máquina do mundo, 2006
Inhotim, Minas Gerais, Brasil
Foto © Eduardo Eckenfels







estados 2002

exposição individual
centro cultural banco do brasil,
são paulo, brasil

Estados era composta por três grandes instalações. A primeira ocupou todo o hall do Centro Cultural Banco do Brasil com inúmeras bacias de vidro espalhadas pelo chão. Sendo algumas cheias de água, elas eram interconectadas por cabos elétricos que, por sua vez, estavam ligados ao sistema de aquecimento do edifício. Ao ser ativado, o calor produzia vapor, criando desenhos efêmeros no ar que tomavam forma e se dissipavam diante dos olhos dos espectadores. A prática de Vinci está ancorada na investigação sobre a mudança de estados naturais, descrita por ela como “desejo de trabalhar com a idéia de transformação, um pouco como uma analogia de nós mesmos, de nossa própria situação, de nossa permanência aqui. Também somos transitórios e estamos em transformação, somos transformados a cada respiração, não é?” Mais tarde, Vinci experimentou outros materiais, criando bacias de mármore, exibidas na 26ª Bienal de São Paulo, em 2004, e na Pinacoteca do Estado de São Paulo, em 2007.

vista da instalação
Estados, 2002
Centro Cultural Banco do Brasil,
São Paulo, Brasil

A segunda instalação, foi montada no subsolo do edifício, onde ela pendurou caixas de metal refrigeradas com frases curtas, semelhantes a poemas que se referiam ao movimento de um rio. Ao mesmo tempo em que aludia à natureza circular do espaço que ocupava, criava o estado “oposto”, ou melhor, complementar da água na entrada do edifício. Quando em funcionamento, as estruturas produziam condensação e congelavam, cobrindo cada peça com gelo. Mais uma vez, Vinci capturou a natureza do espaço e alterou seu estado, transformando o ar e a umidade não só em um objeto tangível e visível, mas também enfatizando a natureza transitória da instalação e, talvez de modo mais fundamental, de nosso entorno.

Por fim, ela ocupou o antigo cofre do edifício com uma enorme massa de pó de mármore que espalhada pelo espaço e pelas prateleiras, criava uma pilha branca profunda. A artista diz que, ao entrar na sala, era preciso esperar as pupilas se acostumarem com a brancura do ambiente, o que nos remetia à questão fundamental de nossas próprias transformações e adaptações corporais.





vista da instalação
Estados, 2002
Centro Cultural Banco do Brasil,
São Paulo, Brasil





sem título 1997

exposição coletiva
arte/cidade 3, são paulo, brasil

Em 1997, Laura Vinci participou da terceira edição do Arte/Cidade, projeto de intervenções urbanas com curadoria de Nelson Brissac Peixoto. Iniciado em 1994, a mostra tinha como objetivo a difusão cultural e a revitalização de espaços culturais em toda a cidade. A instalação proposta pela artista, cinquenta toneladas de areia que criavam uma massa de três metros de altura e nove metros de largura, ocupou o terceiro andar do prédio abandonado do Moinho Central. Vinci queria que a montanha de areia alcançasse o teto, massa limitação da própria infraestrutura do edifício a impedia. A artista, então, fez um pequeno buraco (12 mm) no pavimento entre o terceiro e o segundo andar, permitindo que a areia caísse progressivamente no interior do edifício com o passar do tempo. Em outras palavras, ela criou uma ampulheta monumental que, a partir da própria estrutura do espaço expositivo, transmitia fisicamente a ideia abstrata e intangível de tempo. Acredita-se que esta instalação é o modelo para trabalhos futuros da artista, pois sintetiza o núcleo das preocupações de Vinci com o tempo, o espaço e a alteração de estados da matéria.

vista da instalação
Sem título, 1997
Projeto Arte Cidade,
São Paulo, Brasil, 1997



vista da instalação
Sem título, 1997
Projeto Arte Cidade,
São Paulo, Brasil, 1997



cenografias 1997

exposição coletiva

arte/cidade 3, são paulo, brasil

Em 1998, Laura Vinci foi convidada por José Celso Martinez Corrêa, diretor do emblemático Teatro Oficina, em São Paulo, para conceber a cenografia da peça *Cacilda!*. Iniciava-se a prolífica relação da artista com as artes da cena. Nos anos que se seguiram ela participou do projeto que culminaria na montagem de *Os Sertões* (2013), também do Teatro Oficina, sendo responsável pela coordenação das oficinas de cenário, figurino e direção de arte. Desde 2010, passou a colaborar com a mundana companhia, desenvolvendo aparatos cênicos para diversas peças, como *O Idiota* (2010), *O duelo* (2013) e *Máquinas do mundo* (2017), entre outras. O entrelaçamento entre suas práticas visual e teatral se dá pelo pensamento espacial integrado à criação de experiências atmosféricas em ambientes que estimulam nossos sentidos. O intercâmbio e a fluidez se fazem presentes, pois muitos dos elementos que Vinci utiliza em suas instalações podem ser reinventados ao serem dispostos no palco, assim como estruturas cenográficas se adaptam e transformam-se ao se deslocarem para galerias.

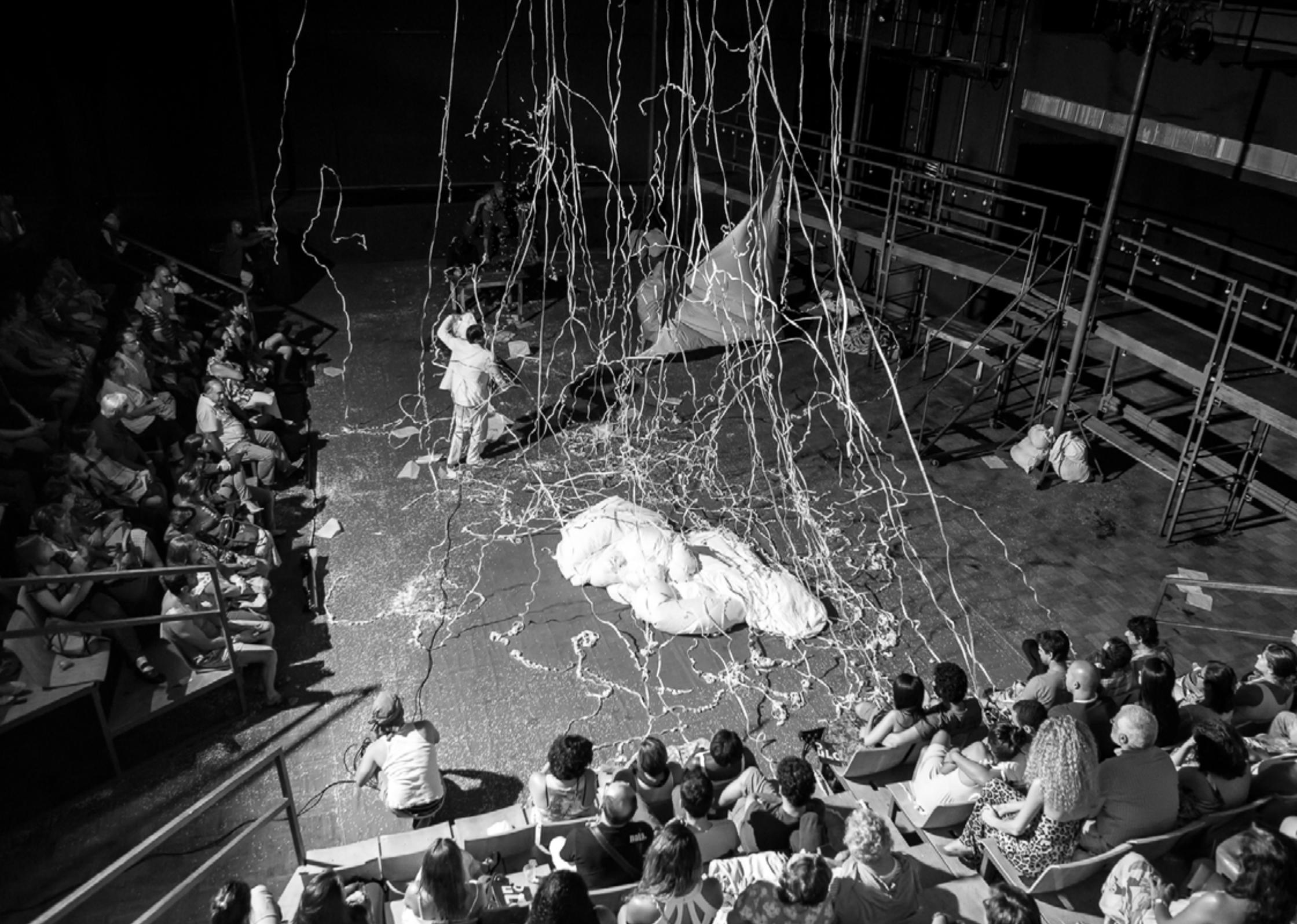
cenografia

Máquinas do Mundo, 1997

Sesc Pinheiros, São Paulo, Brasil

Foto © Renato Mangolin





←
cenografia
O Duelo, 2013
Serra da Capivara, Piauí, Brasil
Foto © Renato Mangolin

cenografia///
Cacilda, 1998
Teatro Oficina, São Paulo, Brasil
Foto © Mauricio Shirakawa



nara roesler

são paulo

avenida europa 655,
jardim europa, 01449-001
são paulo sp brasil
t 55 (11) 2039 5454

rio de janeiro

rua redentor 241,
ipanema, 22421-030
rio de janeiro, rj, brasil
t 55 (21) 3591 0052

new york

511 west 21st street
new york, 10011 ny
usa
t 1 (212) 794 5038

info@nararoesler.art

www.nararoesler.art